



UNICAMP

EVENTO: PÚBLICO PRESTIGIA PRÊMIO ELDORADO

VEÍCULO: ESTADO DE S. PAULO

DATA: 24/09/97

PÁGINA: D6

SEÇÃO: CADERNO 2



MÚSICA

Público prestigia Prêmio Eldorado

Fotos de Robson Fernandes/AE

A oitava eliminatória no Teatro Cultura Artística atraiu freqüentadores das salas de concerto

ANTONIO GONÇALVES FILHO

As eliminatórias do 9º Prêmio Eldorado de Música começaram a ficar parecidas com as apresentações da temporada de concertos, crescendo a cada semana o público na Sala Rubens Sverner do Teatro Cultura Artística. Na noite de anteontem, três jovens talentos apresentaram-se para uma platéia entusiasmada: o trombonista Alex Sandro Tartaglia, o violinista Davi Graton e a soprano Andrea Ferreira.

Ousadia não faltou na seleção do repertório dos músicos. Tartaglia tocou uma sonata de Hindemith raramente lembrada por profissionais. Davi Graton enfrentou a *Sonata em Ré Maior Opus 94* de Prokofiev, uma peça complexa que exige um suplemento especial de energia no último e endiabrado movimento. Andrea Ferreira cantou a ária de Oscar da ópera *Un Ballo in Maschera*, de Verdi, que já interpretou na recente montagem do Municipal de São Paulo.

Curiosamente, a carreira de um desses músicos, que hoje toca na Sinfônica do Estado, começou por acaso. Alex Tartaglia queria integrar a banda de sua cidade, Rio das Pedras, mas o único instrumento que restava era o trombone. Não desistiu. Estudou para valer, participou de master classes com o americano Joseph Alessi e, hoje, é capaz de tornar o trombone suave e irreconhecível, como fez na *Introdução ao-Desafio* de Còrtes.

"O desafio é mudar a dinâmica para que o trombone não pareça um instrumento de banda", diz Tartaglia, que começou a tocar aos 17 anos. Hoje, aos 24 anos, ostenta um currículo invejável. Tocou sob a batuta dos maestros Kurt Masur e Neville Marriner e não parou de enfrentar outros desafios além da peça de Còrtes. "O trombone é um instrumento suave, mas é uma difícil tare-



Alex Sandro Tartaglia: tornando o trombone um instrumento suave

fa provar isso ao público." Foi o que fez também com a peça de Hindemith, "nervosa e energética, como eu", define o músico, o primeiro da família a seguir a carreira erudita. O pai é cantor sertanejo e o irmão toca viola.

Já o violinista Davi Graton começou a aprender o instrumento com o pai, aos 6 anos. Teve aulas de aperfeiçoamento com Yoshitame e Elisa Fukuda e passou a integrar a Sinfônica da USP há três anos. Graton arancou calorosos aplausos com a sonata de Prokofiev, que estuda há um

ano e pretende gravar se ganhar o Prêmio Eldorado. Aos 22 anos, Graton diz que um de seus modelos foi David Oistrakh, mas não deixa de citar violinistas da nova geração, como Vengerov.

Graton não alimenta preconceitos musicais. Convidado para tocar no Free Jazz, o violinista aceitou. Vai continuar a expe-



O violinista Davi Graton: enfrentando o desafio de Prokofiev

riência que desenvolve com a Orquestra Experimental de Repertório.

Aos 22 anos, o violinista tem planos de estudar na Suíça, "cuja vida cultural é vibrante como o futebol no Brasil".

A soprano Andrea Ferreira já estudou lá e pretende voltar. Cantando desde os 22 anos, a soprano paulistana, que tem seis anos de carreira, já

foi Zerlina em *Don Giovanni* e Oscar em *Un Ballo in Maschera*, ambas montadas no Municipal. Ela concorre ao Prêmio Eldorado "porque é o único a ter um alcance internacional", o que poderia avançar sua carreira ainda curta, mas cheia de desafios, como o travesso pajem Oscar da ópera de Verdi. Andrea, que também é pianista, acha difícil fazer carreira no Brasil. "Há pouco espaço para cantoras líricas", diz, com a convicção de que tem uma voz melhor do que a de Kathleen Battle.

